

Apresentação de

A. Marujo e A. P. Ferreira, *Teologia como Resistência*. Lisboa: UCP, 2019

Universidade Católica Portuguesa

5 de Dezembro de 2019

O livro que estamos aqui a apresentar comemora os 50 anos de uma Faculdade de Teologia, e da única que existe em Portugal. Quando li o livro achei que era uma óptima oportunidade para tornar explícitas várias perguntas. São perguntas que me parecem importantes, nomeadamente: para que serve estudar teologia? E, o que é *exactamente* estudar teologia? Não é preciso ser-se professor de teologia para achar estas perguntas difíceis, e aproveitar e agradecer a oportunidade de lhes tentar responder em público.

Um dos principais interesses do livro, creio, é a enorme variedade de histórias e de opiniões que colige: opiniões dos seus alunos, dos seus graduados, dos seus professores, dos que a dirigiram; e muitos ocuparam sucessivamente várias dessas posições. Nenhum leitor do livro poderá duvidar de que os cursos oferecidos pela Faculdade de Teologia têm ao longo do tempo atraído muitas e muito variadas pessoas. Perceber essa atracção não é à primeira vista fácil. Os testemunhos são de pessoas profundamente diferentes entre si, no sentido em que justificam aquilo que as levou a frequentar esses cursos de modos muito

diferentes. Esta variedade suscita uma pergunta evidente: porque quererá alguém estudar teologia?

Os cursos de teologia partilham uma característica com outros cursos de humanidades e artes, mas também com certos cursos de ciências: à primeira vista parecem-se mais com Medicina, Escultura ou Engenharia do que com Filosofia, Matemática, ou Biologia: apontam para uma profissão, ou de certo modo ajudam pessoas ao seu exercício de uma actividade. Nessa medida são, como às vezes se diz, cursos vocacionais; mas por outro lado não são cursos *apenas* vocacionais.

Bem entendido, falar aqui de vocação pode prestar-se a equívocos: num contexto teológico usa-se a palavra 'vocação' num sentido muito particular, que de modo algum se resume ao exercício de uma profissão ou de uma actividade. Neste sentido particular do termo porém os teólogos serão os primeiros a reconhecer que nenhuma dose de teologia assegura uma vocação. Os professores de medicina e de engenharia e de escultura fariam aliás bem em aprender com os teólogos a este respeito. Talvez pudessem vir a reconhecer com mais franqueza que nenhum curso de medicina, de engenharia ou de escultura assegura só por si qualquer vocação de médico, de engenheiro ou de escultor.

A nossa pergunta no entanto mantém-se: porque quererá alguém estudar teologia? Será que este livro ajuda a responder-lhe? O título do livro define teologia como resistência. Estar-se-á a sugerir que quem quer estudar teologia terá como recompensa o prestígio que costumamos dar a quem tenta resistir a alguma

coisa, em especial a ameaças? Não me parece. Como reconhece argutamente um dos entrevistados, e logo no princípio do livro, a teologia não faz mexer uma palha neste mundo. É uma admissão refrescante: neste mundo há uma maioria grande de pessoas que acham pelo contrário que as suas vidas consistem em participar em combates e em lutas. Têm uma versão cansativa da sua importância. Uma hipótese alternativa seria dizer que a teologia resiste sobretudo ao facto de muito poucas pessoas levarem a sério a teologia; e que a sua resistência é a resistência a uma atitude de condescendência generalizada.

A anedota mais conhecida sobre a irrelevância da teologia é a descrição, possivelmente apócrifa, de pessoas em Constantinopla a discutir particularidades dos anjos enquanto os turcos ameaçam a cidade. Fomos ensinados a desconfiar dessas discussões; mas pode ser precipitado decidir que são irrelevantes. Não é fácil provar que a defesa militar de Constantinopla seja por natureza mais relevante que o estabelecimento das propriedades de um anjo. E seja como for a teologia caracteriza-se por ter subsistido apesar da condescendência e da troça; é um animal robusto que resiste e, se calhar desde São Paulo, o primeiro teólogo, sempre resistiu. O título do livro tem talvez razão de ser.

Acredita-se hoje que a origem daquela indiferença são as nossas sociedades ricas e secularizadas; acredita-se que em sociedades desse tipo qualquer sugestão de preocupação religiosa é uma coisa do passado. Embora limitada, a ideia parece plausível. Com efeito, a uma sociedade secularizada a teologia só parece interessar como história, antropologia, sociologia ou quando muito como psicologia da religião. A atitude de uma sociedade

secularizada em relação a todas as formas de religião costuma ser: se o que uma pessoa religiosa faz não é considerado útil, o que essa pessoa pensa é nocivo; e se é considerado útil, o que ela pensa é irrelevante. O ideal epistemológico das sociedades ricas são as ciências sociais; e o seu ideal político são as organizações não-governamentais.

Não admira que se pense generalizadamente que a teologia é uma espécie de ciência obsoleta, como a astrologia e o materialismo dialéctico, ou um objecto que já não sabemos como usar, como uma nora ou um candeeiro a petróleo; ou que seja tantas vezes tratada como um documento pitoresco dos erros dos nossos antepassados, que podemos agora catalogar placidamente como ciência social em departamentos de estudos de religião. Não temos contudo razões para pensar que os contemporâneos de São Tomás ou de Lutero os tivessem percebido melhor que os contemporâneos de Simone Weil a perceberam; e nem vale a pena falar do caso dos contemporâneos de São Paulo. A indiferença em relação à teologia não é uma tendência recente: é inseparável da própria história da teologia.

Terão notado que o meu argumento até aqui foi apenas um argumento negativo. Parece-me que a teologia não é nem uma vocação nem uma actividade que se tenha tornado obsoleta nos últimos anos. O cultivo da teologia não pode apenas ser explicado pela vocação dos que a cultivam, ou pelo nosso interesse por um mundo que desapareceu e que aliás poucos estão interessados em fazer reaparecer. Há porém um outro elemento característico da teologia que a torna incompatível com as ciências sociais, e que a torna parecida com outras humanidades, e com certas ciências.

Refiro-me ao modo como a teologia requer uma implicação particular daqueles que a ela se dedicam.

Não quero com isso dizer que seja a única actividade ou disciplina que requeira esforço, talento ou dedicação; muitas outras os requerem; e todas os devem talvez requerer, mesmo as ciências sociais. A teologia é no entanto uma das poucas disciplinas em que aquilo que se aprende depende do modo como quem aprende lida com as suas crenças e convicções. Embora fazer teologia requeira muitas vezes discussões técnicas e considerações históricas, não é num certo sentido possível estudar teologia, fazer teologia, como uma actividade histórica; nem como uma ocupação técnica; nem, se calhar, de todo, como uma profissão. Esta ideia pode parecer exagerada: afinal houve e há grandes historiadores da teologia, e grandes teólogos técnicos; e a teologia é frequentemente ensinada como história e como técnica.

Deixem-me então explicar melhor o que quero dizer. O que quero dizer é que, no caso da teologia, não me parece que seja possível *fazer* teologia independentemente da ideia de Deus. Ou, dito ainda de outra forma, a teologia é a única actividade intelectual para a qual a existência de Deus tem necessariamente de contar para alguma coisa. Naturalmente, há engenheiros, médicos, juristas, biólogos, economistas, astrónomos, matemáticos, artistas, filósofos, físicos, atletas e escritores que acreditam na existência de Deus. Mas para se ser qualquer dessas coisas não é preciso qualquer crença especial em Deus. Porém fazer teologia sem se acreditar em Deus é como querer fazer física sem

matemática, ou fazer direito sem leis, ou medicina sem doentes, ou como querer fazer escultura por meios mentais.

Esta característica da teologia dá sempre um aspecto especial a quem, apesar de tudo, e apesar de nada na nossa cultura o encorajar, insiste em fazer teologia. De facto, não obstante a relação entre acreditar em Deus e fazer teologia ser parecida com a relação entre usar matemática e fazer física, a crença em Deus é diferente da crença na matemática, ou nos poderes da nossa mente, ou na realidade das leis. Esta diferença não tem a ver com a crença em Deus enquanto crença. Desse ponto de vista uma crença religiosa não é diferente de qualquer outra crença. Qualquer crença é o elemento do nosso pensamento que dá sentido às nossas perguntas, porque justamente não é vulnerável às nossas dúvidas. Todas as nossas crenças mostram uma inclinação muito espalhada para a verdade; mas essa inclinação não é imediatamente teológica. As diferenças específicas da teologia são de outro tipo. Ocorrem-me duas.

A primeira é que, para quem acredita em Deus, a vida das pessoas que acreditam em Deus é diferente da vida das pessoas que não acreditam em Deus. Não serão necessariamente pessoas melhores: muitas pessoas que acreditam em Deus acham que são *piores* que certas pessoas que não têm essa convicção. Acontece ainda que quem acredita em Deus sabe que nem sempre as suas crenças se verão nas suas acções, ou poderão ser facilmente depreendidas daquilo que fazem ou pensam. Para estas pessoas não é preciso que mais alguém veja o conteúdo das suas crenças, ou as observe em acção, ou celebre os seus efeitos no mundo.

Basta-lhe que Deus o possa fazer; é isso que significa acreditar em Deus.

Por outro lado, e esta é uma segunda diferença importante, o meu interesse por Deus é um interesse na possibilidade de uma outra vida: é o interesse na possibilidade de uma vida que é muito diferente da vida que tenho agora. Essa vida, porém, não pode ser atingida mudando nós de vida, ou de profissão, ou de opiniões, ou de penteado: não depende exactamente de nós. É por isso que, para quem acredita em Deus, a vida que tem, e tudo o que lhe aconteça nessa vida, não é um assunto que, vistas bem as coisas, lhe mereça a maior importância. Não quero dizer que não tenha importância nenhuma, mas apenas que não é a coisa mais importante de todas. Quem acredita em Deus acredita normalmente que o sentido e o propósito da vida que leva dependem de não tomar o facto de lhe acontecer estar vivo naquele momento (mesmo quando está a fazer teologia) como o horizonte e o limite das suas preocupações.

Quem acredita em Deus preocupa-se, como se costuma dizer, com a outra vida. Essa preocupação dá frequentemente à vida de quem acredita em Deus um ar de preparação ou de imitação. Este aspecto da teologia ofende a paciência dos que não acreditam em Deus; porque naturalmente não acreditam nesta ideia de preparação. Além disso, quando essa preparação é teológica, a teologia adquire, como observou mais de um teólogo, um ar póstumo: parece-se com uma carta. Não será errado defini-la a este respeito como um discurso para uma ocasião em que o seu autor já não possa estar por perto. O primeiro modelo destas cartas foi o de São Paulo.

No fundo este último argumento explica uma intuição muito familiar, que possivelmente terá já ocorrido a todos os presentes: a de que uma pessoa que acha que a sua vida é a coisa mais importante do mundo provavelmente não se interessa por teologia, e também com grande probabilidade não será uma pessoa religiosa. A teologia, entre outras coisas, é uma ocupação intelectual que nos lembra constantemente que não somos o que mais importa, de que não somos o centro ou o fim deste mundo. Isto explicará talvez que muitas pessoas achem a teologia uma ocupação pouco atraente ou pelo menos pouco lisonjeira; mas explica também que muitas pessoas, e pessoas tão variadas, se tenham sentido atraídas por ela. Com efeito, a teologia é muitas vezes uma maneira de quem a faz, e quem a estuda (por exemplo numa faculdade) perceber que foi atraído por Deus. Em consequência, o sucesso de uma Faculdade de Teologia deverá sempre ser medido pelos muitos modos como os que nela estudaram e pensaram perceberam a natureza e as variedades dessa atracção; e já agora, como mostra tão bem este livro, pela variedade das suas respostas.

Miguel Tamen
Universidade de Lisboa